

Pesquisando o uso de dicionários

Herbert Andreas WELKER
Universidade de Brasília

Resumo: A nível internacional, já existe uma quantidade considerável de pesquisas sobre o uso de dicionários; porém, no Brasil o número ainda é bem reduzido. Quanto aos resultados, percebem-se algumas tendências, mas muitas questões permanecem em aberto. Neste artigo, faço uma distinção entre pesquisas sobre as idéias e atitudes dos usuários e pesquisas sobre o efeito do uso de dicionários. Chamo a atenção para o fato de que é necessário explicitar o que exatamente é pesquisado, diferenciando-se entre tipos de usuários, tipos de dicionários e situações de uso. Depois de fazer um breve relato da pesquisa mais abrangente já realizada (descrita em Atkins e Varantola, 1998) e após algumas observações sobre os métodos empregados, mostro o que tem sido publicado nessa área no Brasil.

Palavras-chave: lexicografia; uso do dicionário; efeitos do uso de dicionários.

Segundo Hausmann (1985, p.368) e Wiegand (1989, p.258), uma das áreas da metalexiconografia – ou lexicografia teórica – é a investigação sobre o uso de dicionários; as outras são: o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a análise e crítica de dicionários e a história dos dicionários. Martínez de Souza (1995, p.253) e Hartmann e James (1998, p. 86) ainda acrescentam a tipologia.

As pesquisas sobre o uso de dicionários iniciaram-se com Barnhart (1962), mas avolumaram-se somente nos anos 80. Tono (1997) já arrola cerca de 150 publicações, somente em inglês. No capítulo dedicado a esse assunto, Welker (2004, p.267ss.), baseando-se em diversos autores, apresenta breves resumos de 42 pesquisas, além dos dados bibliográficos de cem estudos (em várias línguas).

Quase todos os autores que tratam desse tema fazem um pequeno relato de pesquisas já realizadas (por exemplo, Hartmann, 1987; Ripfel e Wiegand, 1988; Zöfgen, 1994,

p.29-61; Hulstijn e Atkins, 1998). Na primeira parte de seu livro, cobrindo 65 páginas, Tono (2001) mostra o *state of the art*.

Não repetirei esses resumos, mas quero fazer algumas observações gerais, além de destacar uma única pesquisa, antes de abordar o “estado da arte” no Brasil.

Quando se citam trabalhos sobre o uso de dicionários, tem-se que distinguir, primeiro, entre escritos nos quais o autor exprime sua opinião (e/ou a opinião de outros), e relatos de (novas) pesquisas. Por exemplo, Scholfield (1999) e Amritavalli (1999) fazem parte do primeiro grupo. Tais escritos não podem ser menosprezados; porém, é importante que o leitor esteja consciente de que não se trata de pesquisas empíricas.

Quanto a estas, cabe introduzir uma outra distinção:

a) Há aquelas que pretendem elucidar o uso de dicionários com base nas afirmações dos usuários, utilizando-se questionários, nos quais se pergunta, por exemplo, quantos e que tipos de dicionários o informante possui, quantas vezes os usa, em que situações os consulta, que informações procura, se está satisfeito, etc. Tais pesquisas são características dos primórdios dos estudos na referida área; como exemplos, podem ser citados Barnhart (1962), Quirk (1973), Tomaszczyk (1979), Baxter (1980), Béjoint (1981), Galisson (1983). Em alguns casos, as pesquisas foram encomendadas por editoras que queriam informações sobre eventuais melhorias a serem introduzidas em novas edições de seus dicionários.

b) Sem dúvida, estudos desse tipo foram e são importantes para se acumularem conhecimentos sobre o uso de dicionários, mas, num estágio mais avançado, recomenda-se pesquisar os efeitos do uso de dicionários em determinadas situações, inclusive para que possam ser confirmadas ou refutadas certas afirmações sobre os benefícios ou malefícios dos dicionários que são feitas por alguns autores sem nenhuma base empírica.

O que se constata após a leitura de muitos relatos de pesquisa é que os resultados dificilmente são generalizáveis: às vezes, os autores deixaram de isolar fatores externos que influenciam no uso do dicionário, e, de qualquer modo, mesmo quando se adota uma metodologia aprimorada, os resultados podem ser generalizados apenas para situações idênticas.

Para ter algum valor, cada pesquisa tem que se restringir explicitamente a determinadas situações. Por exemplo, devem ser levados em conta os seguintes fatores (cf. Hulstijn e Atkins, 1998, p.12):

- tipo de usuário (e suas respectivas habilidades lingüísticas): criança; adulto; aprendiz iniciante / intermediário / avançado; tradutor

- tipo de dicionário: monolíngüe; bilíngüe; semibilíngüe; simples (pouco informativo); mais informativo; especializado; eletrônico

- língua: língua materna (LM); língua estrangeira (LE); proximidade entre língua materna e língua estrangeira

- habilidade de uso do dicionário: o usuário recebeu alguma instrução ou não?

- tipo de situação de uso: compreensão de leitura (em LM ou LE); redação (em LM ou LE); tradução; versão; aprendizagem do vocabulário.

Por exemplo, pode-se pesquisar o efeito do uso de determinados dicionários bilíngües na redação quando utilizados por aprendizes avançados de francês. Contudo, repito que os resultados não devem ser extrapolados para outras situações. Uma vez especificada a situação, é possível pesquisar-se o efeito do uso do dicionário como um todo (levando-se em conta todas as informações oferecidas no dicionário), ou questões mais detalhadas, como o efeito de exemplos (cf. Summers, 1988; Laufer, 1993), de palavras-guias (cf. Tono, 1997) ou de definições (Nesi, 1998).

É claro que em uma única pesquisa podem ser estudadas várias questões. A título de exemplo, farei – com base em Atkins e Varantola (1998) – um breve relato do estudo mais abrangente já realizado. Trata-se do “EURALEX / AILA *Research Project on Dictionary Use*”.

Essa pesquisa foi iniciada por B.T.S. Atkins, Hélène Lewis, Della Summers e Jane Whitcut em 1984 e recebeu o patrocínio da EURALEX e da AILA em 1986. Um primeiro relato, apresentado em 1985, foi publicado em 1987; em 1988, foi divulgado um “*Interim Report*”. A pesquisa foi concluída em 1995, mas os dados já haviam sido colocados num banco de dados em 1988.

O objetivo era estudar o uso de diversos tipos de dicionários por falantes de várias línguas. Por razões práticas, a pesquisa foi restrita a aprendizes de inglês (EFL) com um dos seguintes idiomas como língua materna: alemão, espanhol, francês ou italiano. Esses sujeitos estudavam inglês no segundo grau, na universidade (*college* ou *university*) ou em cursos para adultos (na Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Itália e Suíça).

Foram distribuídos 1600 conjuntos de questionários (400 para cada idioma), dos quais 1.140 foram respondidos. Parte desses vinha de um grupo de controle que trabalhava sem dicionário. Os pesquisadores perceberam que as respostas desse grupo iam distorcer os resultados, por isso foram eliminadas. Assim, ficaram 843 respondentes, mas somente 723 devolveram todos os questionários (isto é, os conjuntos de questionários). Portanto, a pesquisa se baseia em 723 sujeitos.

Os conjuntos de questionários pretendiam: a) estabelecer o perfil do usuário; b) permitir avaliar os conhecimentos de inglês; c) pesquisar o uso de dicionários.

Pelo teste de avaliação – que consistia em 100 perguntas – os sujeitos foram divididos em quatro grupos: A (os participantes haviam conseguido 81-100% de respostas corretas), B (66-80%), C (51-65%), D (0-50%). A distribuição

dos 723 sujeitos foi a seguinte: A – 18%; B – 30%; C – 27%; D – 25%.

Devido ao armazenamento em computador, puderam ser feitos muitos cruzamentos de dados; assim, ficou-se sabendo, por exemplo, quantos alunos das quatro línguas maternas pertenciam a cada um desses grupos, e para cada questão a respeito do uso de dicionários foi possível calcular a porcentagem de cada subgrupo (entendendo-se por subgrupo o conjunto dos falantes de uma das quatro línguas dentro de um dos quatro níveis de habilidades), ou seja, sabe-se, por exemplo, as respostas dos falantes de francês do nível B.

Dos numerosos resultados vou trazer apenas os seguintes:

a) 60% dos informantes não haviam recebido nenhuma instrução no uso de dicionários (a porcentagem mais alta, de 80%, foi dos falantes de francês), 25%, um pouco, e 14% haviam recebido instrução sistemática (26% no caso dos falantes de italiano).

b) O fato de ter recebido instrução – ou não – praticamente não influenciou na decisão dos sujeitos de usar o dicionário.

c) A preferência por dicionários monolíngües ou bilíngües difere nos quatro grupos de habilidade. Além disso, essa preferência muda conforme o tipo de situação de consulta. De qualquer modo, todos os quatro grupos preferiram, em média, o dicionário bilíngüe na resolução das diversas tarefas, sendo que o uso diminui com o aumento da competência em língua estrangeira: grupo D – 88%; grupo C – 81%; grupo B – 79%; grupo A – 60%.

d) Atkins e Varantola (ibid., p.29ss.) apresentam os resultados referentes à decisão dos sujeitos sobre onde procurar um lexema complexo (*multiword expression*), diferenciando os grupos de habilidades, de língua materna e de instrução no uso do dicionário. Constatou-se que não somente os usuários buscam os lexemas complexos em

verbetes diferentes (por exemplo, *lame duck* foi procurado por quase igual número de informantes em *lame* e em *duck*) como também os dicionários divergem no tratamento dado a essas expressões (por exemplo, *to split hairs* foi registrado por quatro em *split* e por quatro em *hair*).

e) Os sujeitos mais proficientes consultaram os dicionários menos do que aqueles que tinham menos conhecimentos na LE. Os do grupo A deram mais respostas corretas quando não consultaram o dicionário do que quando o consultaram (86% vs. 79%); no grupo B, não houve praticamente nenhuma diferença; já nos grupos C e D, o número de acertos foi maior quando os sujeitos usaram dicionários do que quando não o usaram (grupo C: 59% vs. 54%; grupo D: 49% vs. 40%).

Como se vê, essa ampla pesquisa junta informações sobre os usuários – suas habilidades, opiniões e hábitos – e dados sobre os efeitos do uso do dicionário. Entretanto, esses últimos só foram obtidos a partir da simples afirmação dos sujeitos de terem recorrido ao dicionário ou não.

Um método muito mais objetivo que permite constatações mais detalhadas é viabilizado pelo uso do computador: os sujeitos consultam um dicionário eletrônico, e cada consulta é registrada (cf. Hulstijn, 1993; Knight, 1994). Tal método, obviamente, só pode ser empregado desde o advento do computador e só permite pesquisar o uso de dicionários em formato eletrônico¹.

Um método mais antigo – aplicado poucas vezes, e apenas em pequena escala – é a filmagem dos sujeitos durante a execução de suas tarefas (cf. Ard, 1982). De preferência, a filmagem deve ser acompanhada de um “*Think Aloud Protocol*” (TAP, protocolo verbal), no qual o usuário diz o que está fazendo, e por quê.

Protocolos verbais sozinhos, sem filmagem, têm sido empregados por diversos pesquisadores, mas seu uso não é

¹ Os sujeitos de Hulstijn não utilizaram um dicionário, e sim um glossário.

o ideal, pois o informante, além de se encontrar numa situação pouco natural, nem sempre tem consciência do que está fazendo.

O grande problema é encontrar um modo de se fazer tal pesquisa – sobre os efeitos do uso do dicionário – sem que fatores não diretamente relacionados com a consulta (por exemplo, os conhecimentos lingüísticos dos sujeitos) influenciem os resultados. Hulstijn e Atkins (1998, p.13s.) mostram as precauções que teriam que ser tomadas para se garantir um resultado objetivo e confiável (cf. também Tono, 2001, p.62-72).

NO BRASIL

No Brasil, o uso de dicionários é um assunto que ainda não tem suscitado muito interesse. São de meu conhecimento os seguintes trabalhos: Leffa (1992, 1993², 2001), Andrada (1992), Coura Sobrinho (1998, 2000), Müller (2000), Schmitz (2000)³, Seide (2000), Machado (2001), Tosqui (2002)⁴, Ferreira (2003), Höfling (2003, 2004), Yamaguti (2003), Conceição (2004, 2004a), Höfling et al. (2004).

² Nesse artigo, Leffa resume pesquisas feitas por ele próprio em 1991 e 1992.

³ Coura Sobrinho (1998) cita ainda Schmitz (1990), da seguinte forma: SCHMITZ, J.R. Dicionários para aprendizes (learner's dictionaries) e o ensino de línguas. Trabalhos em Lingüística Aplicada, Anais do 2º Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada, Campinas, n.16, p.1-33, 1990. Esse trabalho não é citado nem em Schmitz (1998) nem em Schmitz (2000). Segundo Coura Sobrinho (p.18), Schmitz (1990) “detecta a necessidade de se conhecer os hábitos de estudantes brasileiros em relação ao uso de dicionários”.

⁴ No seu artigo consta o nome Tosque, mas suponho que se trate de Patrícia Tosqui. Ela menciona ainda o seguinte trabalho seu de 2000: Dicionários semi-bilíngües: a melhor opção para estudantes iniciantes em L2. Anais da XVIII Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE. Salvador.

⁵ Essa tese de doutorado foi publicada em 2001 sob o título *Dictionaries and Language Learners* (Frankfurt am Main: Haag und Herchen).

É claro que em algumas outras publicações metalexigráficas (por exemplo, Humblé, 1997⁵), além de trabalhos sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras – e, em especial, do vocabulário (cf. Meireles, 2003⁶; Moreira, 2004) – também há observações sobre os problemas ligados às consultas.

De acordo com a primeira diferenciação mencionada neste artigo, é preciso distinguir relatos de pesquisas realizadas pelo(s) próprio(s) autor(es) daqueles escritos que apenas discutem o assunto ou fazem propostas. Deste último tipo são: Laface (1997), Schmitz (2000), Seide (2000), Coura Sobrinho (2000), Machado (2001), Tosqui (2002), Ferreira (2003), Höfling et al. (2004)⁷, que passo a resumir:

LAFACE (1997), depois de falar de algumas questões lexicográficas gerais, sugere, sem entrar em detalhes, que se promova, na escola e na universidade, “a aquisição e ampliação do vocabulário, em especial, o vocabulário terminológico” (p.176) e, para isso, se ensine “o manuseio, não só do dicionário de língua como os de áreas de especialidade” (p.178).

SCHMITZ (2000) aborda os dicionários de aprendizagem. Citando vários autores, comenta problemas postos pelas informações gramaticais, pelas definições, pelas colocações e pelas expressões idiomáticas nos dicionários monolíngües, e aborda muito brevemente a problemática dos bilíngües, estudada mais detalhadamente em Schmitz (1998).

SEIDE (2000) trata quase exclusivamente das expressões metafóricas. Quanto aos dicionários, constata que eles oferecem várias acepções e afirma que “o aluno deve ser estimulado a consultar o dicionário: as acepções incompatíveis com o contexto devem ser por ele excluídas”.

COURA SOBRINHO (2000), citando várias pesquisas, discorre sobre o uso de dicionários em várias situações. No

⁶ Citada em Conceição (2004, p.51).

⁷ Não pude consultar Andrada (1992), de modo que não sei se a autora fez alguma pesquisa.

item “aprendizagem do vocabulário”, por exemplo, cita Luppescu e Day (1993), que haviam constatado que

usar dicionário bilingüe durante a leitura, tem efeito positivo na performance dos leitores, medida através de teste de vocabulário; o tempo de leitura com uso de dicionário é aproximadamente 50% maior que o tempo de leitura sem consulta; encontrar o significado desejado em um dicionário exige uma seqüência de passos, sendo, portanto uma tarefa complexa. O fracasso em quaisquer dos passos pode significar fracasso na tarefa que, portanto, exige treinamento. (Coura Sobrinho, 2000, p.87)

O autor chama ainda a atenção para a importância da metodologia na coleta dos dados.

MACHADO (2001) pergunta, no título de seu artigo, se não será preciso ensinar o uso do dicionário. Ela resume o artigo de Roberts (1992), que “traz uma série de sugestões interessantes e variadas de estratégias didáticas para fomentar um uso mais informado” (p.87).

Enquanto as duas autoras – Roberts e Machado – se referem especificamente a consultas feitas durante traduções, a pergunta de Machado já havia sido respondida afirmativamente por vários autores a respeito do uso de dicionários em geral. Béjoint (1989, p.208) cita mais de vinte. Nesi (1999) fez uma ampla pesquisa entre professores universitários de inglês sobre o ensino de “habilidades de consulta” (*reference skills*). Vários autores já propuseram exercícios para ensinar o uso de diversos tipos de dicionários (cf. Underhill, 1980; Kühn, 1987, 1998). No Brasil, deve ter sido Francisco Gomes de Matos o primeiro a propor tais exercícios (no *Yázigi Dictionary for High Schools – Dicionário Yázigi para 1º e 2º Graus. English-Portuguese. Inglês-Português*, cuja publicação, em 1973, foi supervisionado por ele).

Sem dúvida, mesmo que o professor de línguas (quer de língua materna quer de língua estrangeira) não ache necessário, ou não encontre tempo para que os alunos

façam exercícios, ele deveria dar uma pequena introdução à problemática dos dicionários.

TOSQUI (2002) trata especificamente dos dicionários bilíngües. Depois de algumas considerações gerais, inclusive sobre dicionários semibilíngües, ela resume alguns relatos de pesquisa (sobretudo Summers, 1988, e Luppescu e Day, 1995), mas dedica mais espaço a dois artigos de opinião (Rossner, 1990⁸, e Amritavalli, 1999). Na sua conclusão (p.113), constata:

Todos os autores apontaram pontos positivos do uso do dicionário como ferramenta complementar ao ensino/aprendizagem de língua inglesa, e todos também atestaram a necessidade de se realizarem mais pesquisas sobre este tema. Dessa forma, fica a sugestão de que os professores dêem mais atenção ao modo como seus alunos estão se beneficiando (ou não) desse riquíssimo instrumento de ensino/aprendizagem de língua estrangeira.

Como Seide (2000), FERREIRA (2003) não discute o uso efetivo de dicionários. Falando primeiro de problemas lexicográficos (sobretudo da questão do registro e da normatividade) – e referindo-se especificamente à lexicografia espanhola – ela faz, em seguida, a seguinte proposta para exercícios em sala de aula: “analisar verbetes do mesmo dicionário em duas edições temporalmente distintas e observar como estão incluídas questões que envolvem os aspectos sócio-culturais e relacioná-los ao momento histórico e político em que foram elaborados”.

HÖFLING ET AL. (2004), depois de trazer definições de alguns termos lexicográficos básicos e de distinguir vários tipos de dicionários, sugerem não somente que se desenvolvam, na sala de aula, atividades que objetivem

⁸ Rossner é citado como: ROSSNER, R. The learner as lexicographer: Using Dictionaries in Second Language Learning. In: ILSON, R. (Ed.). *Dictionaries, Lexicography and Language Learning*.

familiarizar o aprendiz com o uso de dicionários, como também que se utilize o dicionário como material didático “em atividades como: desenvolvimento de vocabulário, gramática, pronúncia, uso de língua, cultura, leitura e interpretação de texto”. No final, as autoras dão três exemplos concretos (de aulas de inglês) de como se pode usar o dicionário como material didático⁹.

No que diz respeito a *pesquisas realizadas no Brasil e já divulgadas*, elas podem ser resumidas como segue:

LEFFA (1991, 1992, 1993, 2001), que é pioneiro no Brasil na área do uso de dicionários eletrônicos, não trata, na verdade, dos dicionários eletrônicos comuns – disponíveis em CD-ROM ou na internet – e sim de um *software* que faz o seguinte: ao se ler um texto e colocar o cursor sobre determinada palavra ou expressão, aparece o verbete que o usuário pode ler sem perda de tempo. Tais programas já são relativamente conhecidos. Mas o que Leffa propõe e desenvolveu é um dicionário adaptado aos textos que os alunos devem ler. Exemplificando com a expressão idiomática *get past*, Leffa (2001) explica:

No módulo do professor, existe um verbete para “get”, outro para “past” e um terceiro para “get past”; quando a atividade [de compreensão de texto] é criada, para produzir o módulo do aluno, o dicionário seleciona automaticamente o maior segmento encontrado dentro do texto, no caso, “get past”. Isso vale não só para expressões idiomáticas mas para qualquer outro segmento, incluindo, por exemplo, locuções, provérbios, clichês, frases prontas, etc. [...]. No módulo do aluno, depois que a atividade foi produzida, ao correr o mouse sobre o texto,

⁹ As autoras afirmam também – na introdução – que em pesquisas realizadas por elas foi comprovado que “(i) a grande maioria dos estudantes de língua estrangeira adquire um dicionário logo no início de seus estudos e (ii) o dicionário bilíngüe pode ser utilizado em diversos tipos de atividades em sala de aula, para o desenvolvimento das habilidades comunicativas”.

cada segmento é discretamente destacado, mudando de cor e mostrando que há por trás da palavra um link para uma tradução ou explicação. Se o aluno clicar na palavra com o mouse, aparece a tradução, tão geral ou tão específica quanto desejar o professor no momento de preparar a atividade.

Leffa (1993) relata uma pesquisa em que foi comparada a eficiência de um dicionário tradicional com a desse dicionário eletrônico especial: constatou-se que a compreensão é facilitada e acelerada no segundo caso (cf. também Leffa, 2001). Não há dúvida de que, entre todos os tipos de dicionários, o *software* e o dicionário / glossário elaborados por Leffa são a ferramenta ideal na leitura em língua estrangeira¹⁰.

HUMBLÉ (1997, p.81) afirma, dentro de sua tese de doutorado sobre dicionários para aprendizes, que fez um experimento que corrobora a constatação de Laufer (1992) de que falantes nativos não sabem distinguir exemplos autênticos de exemplos construídos.

Na sua dissertação de mestrado, COURA SOBRINHO (1998), além de tratar de questões de lexicografia e de vocabulário, estudou o uso do dicionário monolíngüe na compreensão de leitura em francês, concluindo (p.119s.) que:

- os informantes procuraram antes de usar o dicionário compreender o texto de uma maneira global;
- a consulta ao dicionário auxiliou na compreensão do texto, verificada através da tradução;
- informantes que apresentaram melhor desempenho nas leituras sem dicionário foram também mais bem sucedidos nas consultas.

¹⁰ Orientada por Leffa, Ernst-Martins (2003) propõe um desses dicionários “acoplados ao texto” para a leitura em espanhol.

MÜLLER (2000) não pesquisou o uso efetivo de dicionários, e sim as possibilidades de sua utilização na aula de língua estrangeira. Cito o seguinte resumo (disponível na internet e acesso em 03/01/2005):

Este trabalho analisa a quantidade e a variedade de oportunidades oferecidas pelo material didático, dentre as quais o professor pode selecionar as buscas que são adequadas para seus alunos fazerem em dicionários, de acordo com os objetivos e o momento de seu ensino. O trabalho também analisa o tratamento que alguns dicionários bilíngües dão aos ítems de busca apontados pelo material didático. [...] Os resultados indicam que o material didático oferece um número significativo de oportunidades para que os alunos realizem os mais variados tipos de busca não apenas para a decodificação da LE, mas, principalmente, para sua codificação.

CONCEIÇÃO (2004), referindo-se, como a grande maioria dos autores, ao idioma inglês, é a primeira brasileira a estudar o efeito do dicionário na retenção de itens lexicais. Depois de chamar a atenção para as diversas estratégias “na compreensão e retenção do vocabulário” (p.132), relata uma pesquisa na qual investiga, como Hulstijn (1993), a influência – sobre o uso de dicionários – da tarefa proposta aos alunos. Ela constatou que alunos que tinham que responder a perguntas sobre o texto lido fizeram mais consultas do que aqueles que tinham que fazer um resumo do mesmo texto. Em uma segunda pesquisa, percebeu que “consultar uma palavra no dicionário parece não contribuir eficazmente para a retenção de itens de vocabulário na memória” (p.137) e que nem a combinação de consultar o dicionário e anotar o significado parece “surtir resultados positivos” (p.138). Fazendo referência a Hulstijn (1997), a autora lembra a importância da inferência na leitura e conclui que “inferir o significado da palavra, consultar o dicionário para checar essa inferência e anotar o significado, facilitaria a retenção” (p.140).

Na sua tese de doutorado, Conceição (2004a), abordando também questões como “experiências anteriores de aprendizagem” e crenças de alunos em relação à aprendizagem de línguas estrangeiras, constatou, na sua pesquisa sobre retenção de vocabulário (por uma semana), que o uso do dicionário bilíngüe “não contribui de maneira significativa para a retenção” (p.vi). Enquanto Conceição (2004) dispunha somente de 14 sujeitos, nesta pesquisa de doutorado foram analisadas as respostas de 51 informantes¹¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi constatado, já existe, a nível internacional, um número relativamente grande de pesquisas sobre o uso de dicionários.

Engelberg e Lemnitzer (2001, p.70s.) percebem algumas tendências gerais com relação às atitudes perante o dicionário, por exemplo: a) as informações mais procuradas são o significado e a ortografia; b) introduções e outras explicações

¹¹ Cabe mencionar ainda duas pesquisas em andamento: Höfling (2003, 2004) apresentou, em seminários do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos), comunicações sobre sua tese de doutorado em andamento, na qual verifica, entre outros assuntos, “de que modo o dicionário [bilíngüe inglês-português] funciona em diferentes contextos com diferentes usuários” (2003) e na qual pretende “traçar um perfil dos usuários de dicionários” (2004). Yamaguti (2003) parece ser o primeiro, no Brasil, a pesquisar o uso de dicionários (bilíngües) de italiano. Depois de fazer algumas observações gerais, apresenta brevemente o plano de sua pesquisa em andamento e afirma que conclusões “preliminares demonstram que, de certa forma, a classe gramatical da entrada, por si só, gera dificuldades diversas aos estudantes”. O mesmo autor apresentou, no VIII CNLF, uma comunicação intitulada “A importância do uso do dicionário na aprendizagem de LE” (cf. <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/programacao.html>>, acesso em 08/01/05). Infelizmente, ela não foi publicada nos anais (cf. <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno09-apresentacao.html>).

não são lidas; c) dicionários bilíngües são mais usados do que monolíngües; seu uso diminui com o aumento da competência dos aprendizes na LE; d) apenas uma pequena minoria de alunos recebeu instrução sobre o uso de dicionários.

No que concerne ao efeito do uso, ainda há poucos resultados conclusivos, seguros e generalizáveis; aliás, às vezes chega-se a conclusões que apenas confirmam o que parece óbvio. Em outros casos, há realmente constatações surpreendentes.

No Brasil, o número de pesquisas sobre o uso do dicionário em geral é muito reduzido. Quanto ao efeito da utilização de dicionários em determinadas situações, as pesquisas já concluídas limitam-se, por enquanto, às situações *compreensão de leitura* (cf. Leffa, 1991, 2001; Coura Sobrinho, 1998; Ernst-Martins, 2003) e *retenção de itens lexicais* (Conceição 2004, 2004a). Somente Coura Sobrinho e Conceição estudaram o uso de dicionários comuns, já que Leffa e Ernst-Martins verificaram o efeito de um *software especial*.

Portanto, serão muito bem vindas novas pesquisas, efetivadas por mestrandos, doutorandos ou outros interessados, pois ainda há muitas perguntas a serem respondidas, referentes tanto às diversas situações de uso na aprendizagem ou utilização do inglês quanto, e sobretudo, a outros idiomas.

REFERÊNCIAS

AMRITAVALLI, R. Dictionaries are Unpredictable. *ELT Journal*, v.53, n.4, p.262-269, 1999.

ANDRADA, M.A.F. DE. Dicionários: Meta, atalho ou mito? *ESpecialist*, v.13, n.1, p.65-74, 1992.

ATKINS, B.T.S.; VARANTOLA, K. Language Learners Using Dictionaries: The Final Report on the EUROLEX / AILA Research Project on Dictionary Use. In: ATKINS, B.T.S. (Ed.) *Using Dictionaries*.

Studies of Dictionary Use by Language Learners and Translators. Tübingen: Niemeyer, 1998. p.21-81.

BARNHART, C.L. Problems in editing commercial monolingual dictionaries. In: HOUSEHOLDER, F.W.; SAPORTA, S. (Ed.) *Problems in Lexicography.* Bloomington: Indiana UP, 1962. p.161-181.

BÉJOINT, H. The foreign student's use of monolingual English dictionaries: A study of language needs and reference skills. *Applied Linguistics*, v.2, n.3, p.207-222, 1981.

CONCEIÇÃO, M.P. A influência da tarefa proposta e a retenção de itens lexicais na utilização da estratégia uso do dicionário. *Estudos Lingüísticos*, UFMG, v.7, p.131-142, 2004.

_____. *Vocabulário e consulta ao dicionário: analisando as relações entre experiências, crenças e ações na aprendizagem de LE.* 2004. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos), Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, UFMG, Belo Horizonte, 2004a.

COURA SOBRINHO, J. *O dicionário como um instrumento auxiliar na leitura em língua estrangeira.* 1998. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 1998.

_____. Uso do dicionário configurando estratégia de aprendizagem de vocabulário. In: LEFFA, V.J. (Org.) *As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem.* Pelotas: Educat, 2000. p.73-79.

DOLEZAL, F.T.; MCCREARY, D.R. *Pedagogical Lexicography Today.* Tübingen: Niemeyer, 1999.

ENGELBERG, S.; LEMNITZER, L. *Einführung in die Lexikographie und Wörterbuchbenutzung.* Tübingen: Stauffenberg, 2001.

ERNST-MARTINS, N.M.R. *O Uso do Dicionário On-Line na Compreensão de Textos em Língua Espanhola.* 2003. Dissertação (Mestrado em Letras / Lingüística Aplicada), Programa de Pós-Graduação em Letras, UCPEL, Pelotas, 2003. (Resumo disponível em: <atlas.ucpel.tche.br/~poslet/dissertacoes_defendidas.htm>. Acesso em: 03/01/05.)

FERREIRA, A.M.C. O dicionário na sala de aula – uma proposta de leitura em língua estrangeira. *Caderno do CNLF*, Série VII, n. 6, 2003. Disponível em: <www.filologia.org.br/viicnlf>. Acesso em: 02/02/2004.

GALISSON, R. Image et usage du dictionnaire chez les étudiants (en langue) de niveau avancé. *Études de linguistiques appliquée*, v.49, p.5-88, 1983.

HARTMANN, R.R.K. Four perspectives on dictionary use: a critical review of research methods. In: COWIE, A.P. (Ed.) *The Dictionary and the Language Learner*. Tübingen: Niemeyer, 1987. p.11-28.

_____; JAMES, G. *Dictionary of Lexicography*. London: Routledge, 1998.

HAUSMANN, F.J. Lexikographie. In: SCHWARZE, C.; WUNDERLICH, D. (Ed.) *Handbuch der Lexikologie*. Athenäum: Königstein/Ts., p.367-411.

HÖFLING, C. Reflexões acerca do uso do dicionário: delineando o perfil do usuário do dicionário bilíngüe inglês/português. In: *GEL – 51º Seminário do GEL*. Campinas: ILE – Unicamp / Mercado de Letras, 2003.

_____. O questionário e o protocolo verbal: coleta de dados em pesquisa sobre leitores / usuários de dicionários. In: *GEL – 52º Seminário do GEL*. Campinas: ILE – Unicamp / Mercado de Letras, 2004. p.249-250.

_____; SILVA, M.C.P. DA; TOSQUI, P. O dicionário como material didático na aula. *Intercâmbio, São Paulo:PUC*, v.13, 2004. Disponível em: <http://lael.pucsp.br/intercambio/13/Camila_Hofling.pdf>. Acesso em: 07/01/ 2005.

HULSTIN, J.H. When Do Foreign-Language Readers Look Up the Meaning of Unfamiliar Words? The Influence of Task and Learner Variables. *The Modern Language Journal*, v.77, n.2, p.139-147, 1993.

_____. Mnemonic methods in foreign language vocabulary learning: Theoretical considerations and pedagogical implications. In: COADY, J.; HUCKIN, T. (Ed.) *Second Language Vocabulary Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p.203-224.

_____; ATKINS, B.T.S. Empirical Research on Dictionary Use in Foreign-Language Learning: Survey and Discussion. In: ATKINS, B.T.S (Ed.) *Using Dictionaries. Studies of Dictionary Use by Language Learners and Translators*. Tübingen: Niemeyer, 1998. p.7-19.

HUMBLÉ, P. *A New Model for a Foreign Language Learner's Dictionary*. 1997. Tese (Doutorado em Inglês), Programa de Pós-Graduação em Letras / Inglês, UFSC, Florianópolis, 1997.

KNIGHT, S. Dictionary Use While Reading: The Effects On Comprehension and Vocabulary Acquisition For Students of Different Verbal Abilities. *The Modern Language Journal*, v.78, n.3, p.283-299, 1994.

KÜHN, P. *Mit dem Wörterbuch arbeiten. Eine Einführung in die Didaktik und Methodik der Wörterbuchbenutzung*. Bonn-Bad Godesberg: Dürr, 1987.

_____. Positionen und Perspektiven der Wörterbuchdidaktik und Wörterbucharbeit im Deutschen. *Lexicographica*, v.14, p.1-13, 1998.

LAFACE, A. O dicionário no contexto escolar. *Revista brasileira de lingüística*, v.9, n.1, p.165-179, 1997.

LAUFER, B. The effect of dictionary definitions and examples on the use and comprehension of new L2 words. *Cahiers de lexicologie*, v.63, p.131-142, 1993.

LEFFA, V.J. O uso do dicionário eletrônico na compreensão de texto em língua estrangeira. In: XI Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Computação, Santos, agosto de 1991. *Anais*, São José dos Campos, INPE, p.187-200, 1991.

_____. Reading with an electronic glossary. *Computer & Education*, v.19, n.3, p.285-290, 1992.

_____. Making foreign language texts comprehensible for beginners: an experimento with an eletronic glossary. *System*, v.20, n.1, p.63-73, 1992.

_____. Using an electronic dictionary to understand foreign language texts. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, v.21, p.19-29, 1993.

_____. O uso de dicionários on-line na compreensão de textos em língua estrangeira. (Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplica. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 de outubro de 2001). Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/dicionario.htm>>. Acesso em 21/02/2004.

LUPPESCU, S.; DAY, R. Reading Dictionaries and Vocabulary Learning. *Language Learning*, v.43, p.263-267, 1993.

MACHADO, M.T. Dicionários: não será preciso ensinar como usá-los? *Claritas*, São Paulo: PUC, v.7, p.85-93, 2001.

MARTINEZ DE SOUSA, J. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Biblograf, 1995.

MOREIRA, M.A.Q. A aquisição do vocabulário por intermédio da leitura. s.d. Disponível em: <<http://www.cefetpr.br/deptos/dacex/mariaamelia3.htm>>. Acesso em: 03/01/05.

NESI, H. Defining a Shoehorn: The Success of Learners' Dictionary Entries for Concrete Nouns. In: ATKINS, B.T.S. (Ed.) *Using Dictionaries. Studies of Dictionary Use by Language Learners and Translators*. Tübingen: Niemeyer, 1998. p.159-178.

_____. A User's Guide to Electronic Dictionaries for Language Learners. *International Journal of Lexicography*, v.12, n.1, p.55-66, 1999.

QUIRK, R. The social impact of dictionaries in the UK. In: McDAVID, R.I.; DUCKERT, A.R. (Ed.) *Lexicography in English*. New York: New York Academy of Sciences, 1973. p.76-83.

RIPFEL, M.; WIEGAND, H.E. Wörterbuchbenutzungsforschung. Ein kritischer Bericht. *Germanistische Linguistik*, v.87-90, p.491-520, 1988.

SCHMITZ, J.R. A problemática dos dicionários bilingües. In: OLIVEIRA, A.M.P.P. DE; ISQUERDO, A.N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p.159-168.

_____. Algumas considerações sobre a dificuldade da utilização de dicionários de aprendizagem dentro e fora da sala de aula. In: LEFFA, V.J. (Org.) *As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem*. Pelotas: Educat, 2000. p.167-176.

SCHOLFIELD, P. Dictionary use in reception. *International Journal of Lexicography*, v.12, n.1, p.13-34, 1999.

SEIDE, M.S. Da consulta ao dicionário à compreensão das expressões metafóricas. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo: UNESP, v.29, p.234-239, 2000.

SUMMERS, D. The role of dictionaries in language learning. In: CARTER, R.; MCCARTHY, M. (Ed.) *Vocabulary and Language Teaching*. London: Longman, 1988. p.111-125.

TOMASZCZYK, J. Dictionaries: Users and Uses. *Glottodidactica*, v.12, p.103-119, 1979.

TONO, Y. The effect of menus on EFL learners' look-up processes. *Lexikos*, v.2, p.230-253, 1992.

_____. *Bibliography of Dictionary User Studies*. 1997. Disponível em: <<http://leo.meikai.ac.jp/~tono/userstudy/userbiblio.htm>>. Acesso em: 08/01/2005.

_____. *Research on Dictionary Use in the Context of Foreign Language Learning*. Focus on Reading Comprehension. Tübingen: Niemeyer, 2001.

TOSQUI, P. O dicionário bilingüe como ferramenta de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, v.40, p.101-114, 2002.

UNDERHILL, A. *Use Your Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1980.

WELKER, H.A. *Dicionários*. Uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

WIEGAND, H.E. Der gegenwärtige Status der Lexikographie und ihr Verhältnis zu anderen Disziplinen. In: HAUSMANN, F.J. ET AL. (Ed) *Wörterbücher: ein Internationales Handbuch zur Lexikographie*. – Dictionaries: an International Handbook on Lexicography. v.1. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1989. p.246-280.

YAMAGUTI, A.L. O uso do dicionário bilíngüe italiano-português-português-italiano por estudantes de italiano L2. *Caderno do CNLF*, Série VII, n.6, 2003. Disponível em: <www.filologia.org.br/viicnlf>. Acesso em: 02/02/2004.

ZÖFGEN, E. *Lernerwörterbücher in Theorie und Praxis*. Tübingen: Niemeyer, 1994.

[Recebido em abril de 2005
e aceito para publicação em outubro de 2005]

Title: *On research into dictionary use*

Abstract: *On an international scale a considerable amount of research on dictionary use has already been done; not so in Brazil, however. In terms of results, some trends can be observed, but many questions remain open. In this article, I distinguish between research into the users' ideas and attitudes on the one hand, and research into the effects of dictionary use on the other. I draw attention to the necessity of making clear what exactly is being studied, differentiating between user types, dictionary types and situations of use. After giving a brief account of the most comprehensive research project ever done (described by Atkins & Varantola, 1998) and after some observations about methods, I show what has been published in this field in Brazil.*

Key-words: *lexicography; dictionary use; effects of dictionary use.*

